



O POLITÉCNICO

GRÊMIO POLITÉCNICO • ANO LXIX • SÃO PAULO, MARÇO DE 2014 • EDIÇÃO 02



CEC É PENTA CAMPEÃO DO INTEGRAPOLI

PÁGINAS 7 E 8

FALTA DE ÁGUA EM SÃO PAULO

PÁGINA 3

HOROSCPOLI

PÁGINA 10

BLUE JASMINE

PÁGINA 11

NOTA RER PÁG 4

CICLO DE SIMPÓSIOS SOBRE
SAÚDE PÚBLICA HCFMUSP
70+30 PÁG 5

ELEIÇÕES DO DCE PÁG 5

USP E O ORÇAMENTO PÁG 5

INICIAÇÃO CIENTÍFICA PÁG 6

POLITIZADOS SANTOS PÁG 8

MISTÉRIO: O SUMIÇO DO AVIÃO DA
MALÁSIA PÁG 9

PASSEI NO VESTIBULAR PÁG 9

EDITORIAL

Queridos politécnicos, antes de mais nada, o Jornal O Politécnico gostaria de agradecer todos os bixos que se interessaram e que agora fazem parte da nossa publicação. Além disso, gostaríamos de dizer a todos os novos ingressantes que agora é que vocês vão começar a viver a vida politécnica em toda sua plenitude. Vocês perceberão o quanto o trajeto aqui dentro será permeado de felicidades e desgostos, mas todos os momentos serão marcantes e contribuirão para o crescimento individual de cada um de vocês.

Nessa semana, todos vamos lidar com a realidade das eleições do DCE, o que nos faz lembrar que devemos votar com consciência, analisando propostas, discursos e planos sob a ótica da frieza e imparcialidade, deixando que nossa parte racional nos faça decidir o que é melhor para o movimento estudantil da USP. No mais, não deixem de conferir nossa reportagem sobre a Cantareira, os textos do Politreco e o Horoscopoli. E não se esqueçam: as reuniões do Jornal são sempre às quartas-feiras, 11:15 h, na sala de Reunião do Grêmio.

EXPEDIENTE



O POLITÉCNICO

São Paulo, Março de 2014 - Ano LXIX - Edição 2

Editor Chefe: Fernando de Aguiar

Equipe Editorial: Breno Meirelles, Bruno Pereira, Diego Andriolo, Felipe Marins, Jean Michel, Marjorie Samaha e Pamela Arakaki

Tiragem
1.000

Contato: jornalpoli2013@googlegroups.com

Diagramação: Paulo Saad - pcsaad@gmail.com

Impressão:

Os textos aqui publicados refletem unicamente a opinião de seus autores e não da equipe editorial ou do grupo responsável pela publicação!

				3			2	9
	3			7	5			
2							7	
		5			4			
			8			7		4
	1	8	6			5		
				1			5	2
			3	4				6
	9							

9			6					5
							4	
		3	1			6		
7	4		2					
				7		9		
							1	7
		2			8		9	1
		9		1			6	
8			5		2			

Gestão Grêmio Politécnico 2014

Presidente:
André Simmonds (Guile)

Vice-Presidente:
Gabriela Melo (Judith)

Diretor Geral:
José Henrique L. Silva (Humpt)

Diretoria Administrativa:
Victor Ortega (Faísca)
Lucas Liupekevicius (Montanha)
Lucas Tonim (Tonim)

Diretoria Financeira:
Gabriel Carreta (Bino)
Murilo Parangaba (Paranga)

Diretoria Jurídica:
Eduardo Raya (Raya)

Diretoria Acadêmica:
Denise Brunoro (Olla)
Vanessa Garcia (Vagalf)

Diretoria Acadêmica de Santos:
Rogério Alves Rosa Jr. (Jamil)

Diretores de Projetos:
Gustavo Fráguas (Xis)
Ivan Kobal (Y)

Diretores de Eventos:
Felipe Romeu (Hooligans)
Luccas Moita (Moita)

Diretoria Cultural:
Julia Dalmolin (Ju')

Diretoria de Espaços:
Denise Brunoro (Olla)

Pedro Petrof (Pedrinho)

Diretoria de Comunicação:
João Casari (Meloso/Criado)
Matheus Lourenço (Lourenço)
Pedro Petrof (Pedrinho)
Fernando de Aguiar (Dagol)

Diretor d'O Politécnico:
Fernando de Aguiar

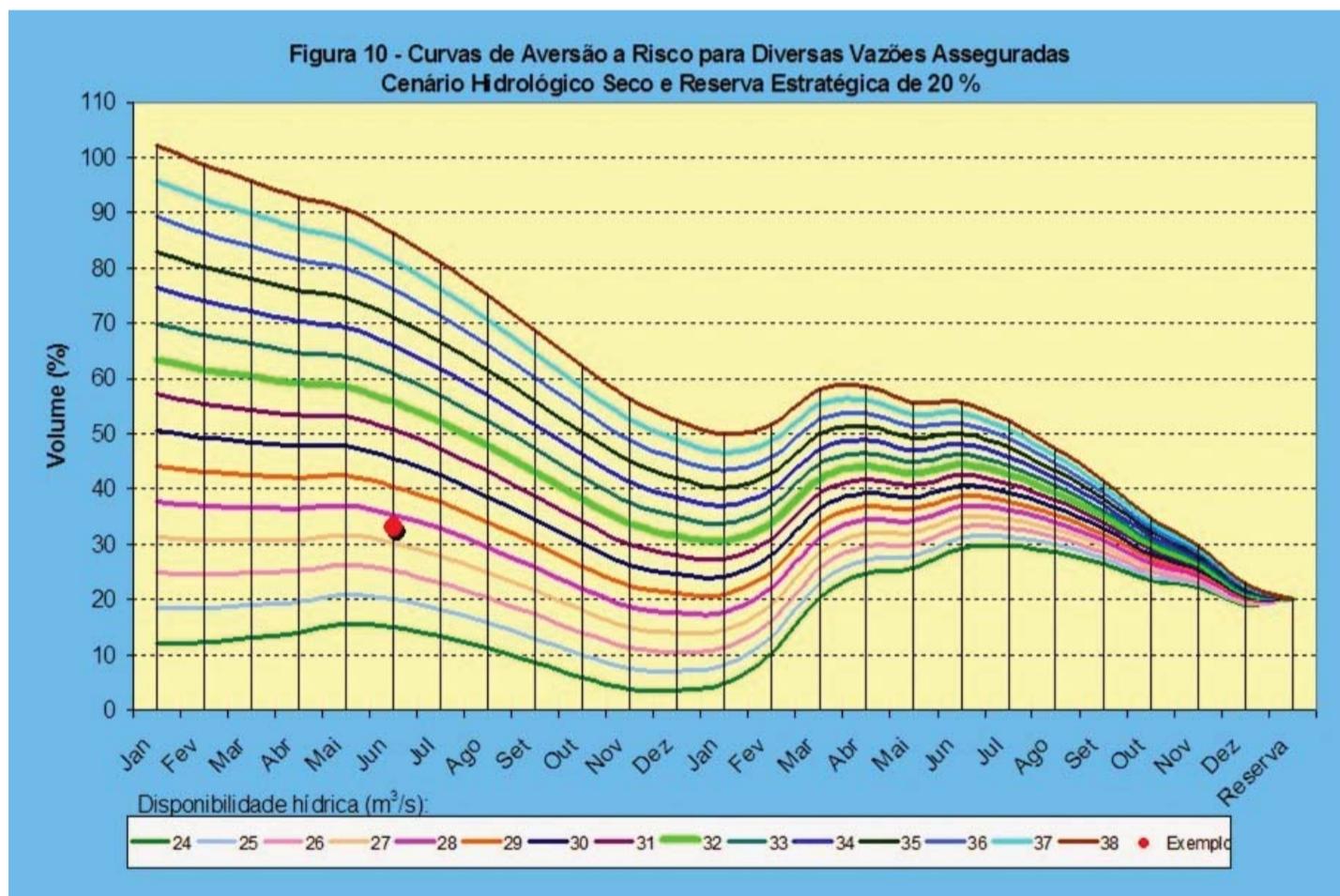
Diretor do Cursinho:
Silvio Corgnier

Falta de água no sistema Cantareira e seus conflitos

Em torno dos acontecimentos atuais vinculados à falta de água nos reservatórios da Cantareira, “O Politécnic” vem, por meio desta edição, procurar uma abordagem mais aprofundada sobre o assunto. O que está por trás de toda essa temática?

Com essa finalidade, consultamos o Prof. Dr. Rubem La Laina Porto, Departamento de Engenharia Hidráulica e Ambiental, para nos orientar sobre o tema e as esferas que estão envolvidas na questão do Sistema Cantareira. Antes de tudo, é interessante fazer um panorama geral da problemática em que estamos submetidos. Um dos grandes desafios a serem resolvidos no contexto de recursos hídricos é a necessidade de se satisfazer o atendimento de demandas crescentes. Elas estão atreladas a diversas finalidades e envolvidas com conflitos reais e potenciais do uso de captação de água por diversas bacias. Neste ponto, o professor chama a atenção para que se entenda o envolvimento de outros municípios na abordagem do Sistema Cantareira.

Colocando em foco a Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) referimo-nos a um contínuo crescimento de demanda por água. Trata-se de uma região de extrema importância econômica, de grande população e povoamento, caracterizados por rios escassos e poluídos, e com uma dificuldade latente para obtenção de novos mananciais. Isso implica na busca de importação de água de bacias hidrográficas fazendo com que seja necessário o estabelecimento de políticas de alocação de água que promova o desenvolvimento das partes envolvidas além de fornecer regras adequadas de operação de sistemas de abastecimento hídrico. Dentre esses outros sistemas, te-



mos o Cantareira.

Segundo informações da Agência Nacional de Águas (ANA), o sistema é composto por 5 represas (Jaguari-Jacarei, Cachoeira, Atibainha, Paiva Castro, Águas Claras) que são interligadas por túneis, canais e uma estação elevatória. Corresponde ao maior sistema produtor operado pela SABESP (juntamente com o Alto Tietê e Guarapiranga) com capacidade de fornecer 33m³/s.

“Como o abastecimento urbano da RMSP pelo Sistema Cantareira constitui importação de águas da bacia do rio Piracicaba, surgem conflitos a respeito do uso das águas entre as regiões envolvidas” relata Porto. Desde a implantação do Sistema Cantareira, órgãos responsáveis pelos sistemas de Água e Esgoto das

Bacias dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiá (PCJ) alegam que a diminuição da quantidade de água vem ocasionando sérios problemas para a captação da água bruta, tanto no aspecto quantitativo quanto no qualitativo. Com isso, as reivindicações das bacias beneficiadas falam sobre escassez, poluição e dificuldade de implementar alternativas para o aumento da disponibilidade hídrica. A partir daí, consegue-se perceber a complexidade que envolve a operação do Sistema Cantareira, afetando não somente a RMSP, mas também a região do PCJ, principalmente durante períodos de estiagem tão severos como o atual.

No presente contexto, fatores climáticos inéditos estão condicionando os níveis de reservatório a valores

críticos (14,3% de volume no final de março). Coincidentemente, neste ano anômalo estava prevista a renovação da outorga de direito de uso da água do Sistema Cantareira. A outorga é a autorização ou a concessão dada pelo Poder público, através do órgão responsável submetido a ele, que confere a terceiros a possibilidade do uso de um recurso público.

Porto explica que “a ANA é a responsável pela outorga em esfera federal enquanto o Departamento de Águas e Energia Elétrica (DAEE) responde em esfera estadual. No caso do Sistema Cantareira, temos o Rio Jaguari que nasce em Minas Gerais enquanto todos os outros constituintes do Sistema são de domínio do Es-

Continua na página 4



tado de São Paulo, e que confere ao Sistema um domínio interestadual.” Por isso, é necessário que a Sabesp consulte ambas as entidades para a renovação de outorga de uso da água.

Para obter a outorga é necessário que a Sabesp obedeça a algumas condições estipuladas pelos órgãos gestores (ANA e DAEE). Estas condicionantes procuram garantir que o aproveitamento dos recursos hídricos de uma bacia se faça de forma adequada. No caso da Sabesp, a empresa deve obedecer a Curvas de Aversão a Risco (CAR) estabelecidas pelos órgãos gestores. CAR indicam, mês a mês, que vazão pode ser retirada do Sistema, em função do volume armazenado, expresso em porcentagem da capacidade total do Sistema. Porto exemplifica “tomando-se o mês de Março para o nível correspondente a 16% (um dos níveis atu-

ais de porcentagem de reservatório), considera-se a curva verde escuro mais abaixo. Essa curva permite a retirada de 24 m³/s, valor muito abaixo da vazão nominal do Sistema, que é de 33 m³/s. No entanto o que acontece é que 24 m³/s é uma vazão muito pequena, que não atende a demanda existente. Então as entidades responsáveis, por meio de negociações, estabeleceram nível de vazão em cerca de 27 m³/s. Para chegar neste valor seria necessário baixar a porcentagem de reserva de volume de reservatório para uns 5%.” (A CAR pode ser conferida no jornal). Esse valor (27 m³/s) corresponde à vazão a ser fornecida pelo Sistema, estipulada pelos órgãos públicos e foi muito divulgado pela mídia.

O professor explica que “um volume satisfatório seria cerca de 36% para que tivéssemos a vazão de 27

m³/s.”. A adoção de um valor que visa 5% de reserva de volume de reservatório implica na exigência de acompanhamento contínuo da situação, para que não acarrete em grandes problemas futuros para a reserva de recursos hídricos.

A mais recente alternativa para obter um reforço significativo para o Sistema Cantareira é a importação de 5,1 m³/s do reservatório de Igaratá, situado em um afluente do Rio Paraíba do Sul. Trata-se de um projeto já contemplado nos estudos de planejamento de aproveitamento dos recursos hídricos da Região Metropolitana, que foi antecipado face ao estado de “stress” em que se encontram os sistemas produtores de água da RMSP. É um projeto econômico, de fácil implantação, situado a apenas 15 km do Sistema Cantareira e praticamente sem impactos

ambientais. Um projeto perfeito? “Não”, alega o professor. “Quando se trata de aproveitamento de recursos hídricos não existe tal coisa”, acrescenta. A comunidade da Bacia do Paraíba do Sul e o Estado do Rio de Janeiro (que se abastece de águas do Paraíba, mediante o desvio de suas águas na localidade de Santa Cecília) opõem-se ao projeto com receio de que a exportação de água de um dos seus afluentes possa diminuir a as vazões do curso principal.

A respeito disso, Porto finaliza “Mais um caso em que aspectos técnicos, políticos, econômicos, legais e institucionais se entrelaçam. Ajudar a resolver estes tipos de conflito é o que desafia e realiza o engenheiro de recursos hídricos”.

Pamella Arakaki
Engenharia Civil – 3º ano

Nota do RER

O início deste ano está sendo um momento de grandes mudanças na Poli, seja por mudanças nos cursos, seja por alterações na estrutura curricular inteira como foi o caso da EC3. Mas 2014 promete muito mais, em especial o Regime Especial de Recuperação (RER).

Atualmente, a prova de recuperação é feita por alunos cuja média em uma dada matéria é maior ou igual a 3,0 e menor 5,0. Tal prova consiste em uma avaliação nos mesmos moldes das provas comuns do curso, sendo que algumas matérias cobram todo o conteúdo da disciplina nessa prova derradeira. Mas o que o RER tem a ver com tudo isso?

A proposta do RER é substituir o atual sistema de recuperação por um novo que traga melhores resultados para os alunos, já que ele parte do pressuposto que um aluno que não aprendeu a matéria ao longo de um semestre não será capaz de aprende-

-la somente em algumas semanas, que é o período de tempo entre o fim das provas e a recuperação, pelo menos na maioria das matérias. Do modo como está dito na Resolução CoG 6646, que trata da implantação do RER, o novo Regime faz com que o atual modelo seja extinto e a recuperação passe a ser um processo que dura um semestre todo. Ou seja, um aluno que não conseguiu ser aprovado mas que também não “travou” a matéria, deverá cursar a matéria novamente, fazer todas as provas mas não terá a obrigação de assistir às aulas. O argumento utilizado é de que o aluno terá mais tempo para estudar o assunto, para tirar dúvidas com os professores, frequentar plantões e fazer listas de exercícios, abolindo a mania prática que os politécnicos tem de estudar para passar e não para aprender.

No entanto, alguns pontos geraram polêmica. O primeiro deles é o

fato de que, por ser uma Resolução do CoG, o RER deve ser implantado em todos os cursos da USP, desconsiderando totalmente o fato de que nem todas as Unidades adotam os mesmos critérios de aprovação como os da Poli. Além disso, a resolução impõe que um aluno só possa cursar 2 RER's ao mesmo tempo, número que foi escolhido (não estudado) pelo Professor Paul Jean, responsável pela elaboração do projeto e, na época, Pró-Reitor Adjunto de Graduação.

Além da polêmica das consequências do RER, outro assunto veio à tona devido à essa resolução: a representação discente dos RD's eleitos nas eleições do DCE. Quando todos tomaram conhecimento do novo regime de recuperação, ele já estava em vigor há pelo menos dois meses (foi aprovado no dia 3 de dezembro de 2014). O Grêmio Politécnico, responsável pela representação discente dos alunos da Poli, tomou as réde-

as da situação e foi conversar com o Pró-Reitor de Graduação, Professor Hernandes, para buscar uma solução rápida para o problema. Na reunião, em que estava presente também o Professor Paul Jean, foi dito que a frequência dos RD's da eleição do DCE na CoG era baixíssima, senão nula, ou seja, não havia alunos representando os interesses dos noventa mil graduandos da USP. Nos bastidores do movimento estudantil da USP, um CA reclamou que a resolução foi imposta de cima pra baixo sem saber que o RER esteve em discussão durante 4 meses no CoG.

O ocorrido leva os uspianos a pensar: queremos um DCE que represente academicamente os alunos ou que se preocupa somente com questões partidárias? No final das contas, episódio terminou com o Pró-Reitor suspendendo (note que o RER não foi extinto) a resolução para que haja mais tempo para discussões.



Eleições do DCE

Após ficar sem gestão por meses, o DCE vai, finalmente, conhecer a chapa que o gerirá durante 2014, além de ter os nomes de representantes discentes escolhidos e enviados aos órgãos colegiados. No último dia 28 de março, sexta-feira, terminou o prazo para as inscrições de chapa que tem interesse em concorrer ao pleito. Como sempre, as chapas deixaram para se inscrever no último minuto, sendo necessário prorrogar o prazo por mais meia hora para que todo o processo fosse concluído.

Oito grupos se candidataram: Compor e Ouvir, Pra Virar a USP do Aveso, USP Inova, Maré Laranja, Território Livre, Pra Fazer a Diferença, Poder Estudantil e Autonomia Universitária: Fora Zago! Fora PM!. No atual panorama, as três primeiras são as que estão realmente brigando por votos e que chegarão com mais força no final da eleição. Foi o que ficou evidenciado no debate realizado por sete das oito chapas no dia 4 de abril,

no Anfiteatro da Engenharia Elétrica.

As chapas começaram apresentando seu programa num tempo de cinco minutos, quando deu-se início à segunda rodada do debate, em que os grupos faziam perguntas entre si. Num dado momento, Compor e Ouvir e Território Livre perceberam que haviam pontos em comum nos seus objetivos de conduzir o DCE. USP Inova e Pra Virar a USP do Aveso dividiram as atenções quando falaram sobre representação discente, associação partidária e com a antiga chapa É USP Então. No entanto, quem mais marcou o debate foi o representante da chapa Fora Zago! Fora PM! que, além de dizer que as eleições era uma fraude, criticou duramente as pessoas que faziam parte da antiga gestão do DCE (PSOL/PSTU) e ainda disse que não se conformava de ter “uma chapa de direita concorrendo ao DCE”, se referindo à USP Inova. Agora, resta esperar pela apuração dos votos na sexta-feira, dia 11 de Abril.

Ciclo de Simpósios sobre Saúde Pública HCFMUSP 70+30



Em abril de 2014 o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo celebra seus 70 anos de fundação. Para comemorar esta data a diretoria da Faculdade de Medicina e o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz estão planejando diversas atividades. Somando-se ao momento de intensos debates sobre a saúde no Brasil, será realizado um ciclo de Simpósios sobre questões estratégicas para a Saúde Pública do país na atualidade. Espera-se promover amplo debate de alto nível em três diferentes simpósios com vistas a

aprofundar conhecimentos e reflexões. Será gerado, como produto, uma publicação contendo análises e propostas que, além de peça importante para estudiosos e técnicos em organização e gestão de sistemas e serviços de saúde, poderá ter alcance político na elaboração de programas de futuros governos.

Simpósio 1: Organização da Atenção à Saúde no Brasil

Data: 24 e 25 de abril de 2014

CAOC

A USP e o orçamento

Mal começou o reitorado de Marco Antônio Zago e ele já está tendo que enfrentar um problema que, acredite, é maior do que o impasse da reabertura do campus da USP Leste. Trata-se do corte de gastos que ele promoveu para tentar diminuir os problemas com orçamento que a Universidade hoje enfrenta.

A atual situação financeira da USP é reflexo de algumas atitudes tomadas na gestão de João Grandino Rodas, que estava utilizando dinheiro da reserva para quitar a folha de pagamento de funcionários devido ao excesso de contratações (99,96% do orçamento é utilizado com paga-

mento de pessoal e a contratação de novos empregados está paralisada), além de ter praticamente dobrado a verba para obras. Estas, por sua vez, foram divididas no grupo das essenciais e das não essenciais, sendo que as do segundo já estão paradas e não tem previsão para serem retomadas. O InovaPoli, por exemplo, cuja previsão anunciava que estaria pronto em 2015, com certeza não será entregue no prazo. O atraso da reforma dos anfiteatros do Biênio, no entanto, não tem relação com as dificuldades orçamentárias.

Além do prédio de Inovação, o corte de gastos atinge os estudantes de outras maneiras. Equipamentos

de laboratório, peças para concerto de máquinas, diminuição de bolsas de iniciação, menos verba para projetos culturais e queda nas bolsas intercâmbio estão entre as consequências da medida. Trocando em números, as unidades agora dispõem de cerca de 35% a menos de verba para manter seu funcionamento. Ficam fora da redução de orçamento áreas como política de permanência estudantil, restaurantes e material bibliográfico.

A reação de professores, funcionários e alunos tem se mostrado bem plural com relação ao tema, alguns dizendo que a USP não deve pagar pela “herança maldita” de Rodas e outros

dizendo que o corte é muito brutal e que deveria ser diluído em mais anos, enquanto alguns alegam que a política orçamentária adotada é o melhor que se deve fazer no momento.

No final das contas, o que se sabe é que a USP paga, hoje, o preço de ter sido mal administrada em alguns pontos fundamentais no passado. No entanto, a Universidade de São Paulo escolheu trilhar os caminhos da segurança e do planejamento para evitar, num futuro próximo, perder a sua autonomia.

Fernando de Aguiar
Engenharia Civil – 3º ano



Iniciação científica

Durante esse mês de março ocorreu a Semana de Iniciação Científica, um evento onde os departamentos responsáveis pelas disciplinas em todas as engenharias se organizam e apresentam para os alunos interessados as suas linhas de pesquisas principais, os temas específicos de cada um dos docentes responsáveis, além de informar as condições necessárias para concorrer a todos os editais que envolvem pesquisa e Iniciação Científica e Tecnológica em geral. O grande diferencial da edição desse ano em relação aos anos passados é o esforço conjunto que todo o Diretório Acadêmico fez na elaboração de um Manual de IC da Escola Politécnica, disponível para os alunos no site do Grêmio. Mesmo que não tenha assistido nenhum dia das palestras você poderá conferir todas as informações acima dentro desse manual e muitas outras (como Perguntas Frequentes, Depoimentos dos Alunos e Professores, Bolsas, Inúmeros Laboratórios que você talvez nem imagine que existam, e contatos dos professores) de forma muito bem organizada. Por isso, esse manual é leitura recomendadíssima para quem pretende concorrer a algum tipo de bolsa ou até para aqueles mesmo que estão considerando a ideia ainda. Ele pode ser acessado no site do Grêmio (gremiopoli.wix.com/grêmio) na parte de Graduação.

Mesmo com tantas informações disponíveis sobre IC, talvez aquelas mais importantes você deva buscar por si mesmo, alguns cuidados devem ser tomados. O primeiro deles é em relação ao tema escolhido. Não caia no erro de escolher qualquer tema só para ganhar uma bolsa. Há tantas áreas e temas disponíveis que é burrice escolher passar um ano inteiro sofrendo naquilo que detesta, ainda mais quando é você que toma a livre iniciativa de ir lá e escolher isso. É muito diferente do que quando só depois você acaba descobrindo que não gosta da área em que está envol-

vido, acaba virando até uma lição de carreira e busca por novos ares. Outro cuidado deve ser tomado em relação ao seu professor-orientador. Tente conhecê-lo bem, saber do seu estilo de trabalho. Tente conversar com outros alunos orientados dele e veja se a maneira de trabalhar e os projetos por ele já realizados correspondem com as suas expectativas. Há muitas diferenças entre os professores (claro, são pessoas como você e eu) e você deve estar ciente das condições antes de começar o projeto. Tenha noção da sua grade curricular para o semestre posterior porque uma IC exige um pouco de trabalho de tempo. O tempo 'oficial' dito para atividades de IC é de 12 horas por semana, porém há projetos que demandam mais cuidados e trabalho, há orientadores que são mais rigorosos e outros mais flexíveis, existem inúmeras variáveis que se alteram de projeto para projeto.

Particularmente, estou aproveitando bastante a oportunidade que tenho como aluno de iniciação científica. Tenho aprendido práticas de laboratório que talvez não aprendesse no curso regular, entrei mais em contato com pesquisas acadêmicas, e o mais gratificante é ver o projeto tomando forma e gerando resultados, alguns certos e outros nem tanto, mas acostume-se, resultados bonitinhos e extremamente exatos só são encontrados em teoria. Do outro lado da moeda conheço pessoas as quais não gostaram tanto da experiência, por motivos diversos, e isso pode acontecer sim e não é nenhum crime. Além das variáveis que devem ser observadas, talvez a principal delas seja conhecer o seu próprio perfil. Será que é do seu perfil realizar uma Iniciação Científica? Talvez você não saiba a resposta agora e só a descubra durante o projeto, depende muito. Universidade também é o período de conhecer a si mesmo.

Pelo menos ano passado houve um esforço da Poli de aumentar o número

MANUAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA ESCOLA POLITÉCNICA DA USP

Realização



de alunos de IC e evoluir no âmbito acadêmico. Do ano passado, para o edital PIBIC 2013-2014 (recomendo novamente a leitura do manual), das 2631 bolsas concedidas em toda a USP 171 foram para alunos da Poli, correspondendo a 6,5% das bolsas, enquanto que para o edital 2012-2013 a Poli obteve

4,9% do total. O edital PIBIC 2014-2015 já está aberto, fique esperto com as datas e os documentos necessários. Aproveite essa crescente!

Bruno Pereira
Engenharia Ambiental - 4º Ano



XXXIII IntegraPOLI

Assim como o trabalho no Brasil só começa depois do carnaval, ousou dizer que o ano letivo da Poli só começa após o Integra!

Mas das coisas que ousou dizer, algumas das escritas aqui serão novamente afirmações para todos os membros desta Escola! O trigésimo terceiro IntegraPoli conseguiu realizar sua função plenamente ao integrar os calouros, veteranos, professores e funcionários da Escola Politécnica.

Se a um mês atrás os alunos recém chegados do vestibular não conheciam seus companheiros de Escola, hoje os próprios alunos não me deixam mentir ao dizer que, aqueles que participaram do IntegraPoli, agora conhecem seus veteranos, ouviram histórias e estão bem direcionados no ambiente Politécnico.

Aos que não participaram, descrevo abaixo um resumo das principais atividades e de como a repercussão foi positiva para essa centenária escola. Aos que participaram por algum CA, deixo o pedido de que ano que vem participem e não deixem essa tradição de anos se perder.

LISTA

Os ânimos integrapolísticos esse ano estavam a mil devido a participação recorde da última edição, os Centros Acadêmicos da Escola estavam muito sedentos para mais uma vez participar da competição mais desafiadora já inventada pelo engenheiro.

Porém esses ânimos foram atrasados em um dia, pois a formatura da Poli batia exatamente com o dia da entrega da lista. E como não queríamos que a formatura da Poli ficasse vazia, os Centros Acadêmicos, em união com a Comissão Organizadora, decidiram que era melhor atrasar em um dia o começo da guerra, afinal, o IntegraPoli é o maior evento Politécnico do ano, e todos sabemos qual evento as pessoas escolheriam.

Foi o começo, no domingo, dia 23 de fevereiro deste ano, parece que foi ontem, foi ontem, o Integra-



Poli é muito rápido, nunca se consegue aproveitar tudo o que ele pode proporcionar, assim, cada dia era longo, as noites começaram a ficar menores e o sono desapareceu. A espera de um ano era recompensada com uma lista de tarefas que desafiaram nossos engenheiros física e mentalmente. As novas pessoas que compunham cada um dos times eram os bixos fazendo parte do objetivo e fim do IntegraPoli, conhecendo seus veteranos e trabalhando junto com eles para tudo dar certo.

Na mesma madrugada de domingo, enquanto alguns ainda confraternizavam no tradicional churrasco de entrega da lista, outros já recebiam mensagens de celular sobre algum possível empréstimo de item que aparecia na lista. DING-DONG, um som a menos pra contar história em apenas um dia, é o começo do Integra...

Nas semanas que se passaram, os Centros Acadêmicos trabalhavam para encontrar os diversos itens da lista: o politécnico com maior salário, um ingresso (usado) para o GP de Ímola de 1994, boca com o maior número de dentes, um tubo de Koly nos (alguém se lembra?), resolvendo enigmas propostos pelos membros da C.O e ainda criando a partir do

nada vídeos que deixaram a marca da criatividade dos Engenheiros dentro de nossa Escola.

A respeito dos vídeos não vale muito a pena me aprofundar em todos, mas desde um clipe funk ostentação, rolezinho na FEA, Mario Kart na ciclofaixa até uma redublagem de cena do Pulp Fiction ou um trailer sobre o IntegraPoli. Caso algum leitor desta matéria ainda não assistiu todos os vídeos do IntegraPoli, por favor, nem termine de ler e procure no youtube por IntegraPoli 2014 CAM, quer dizer, XXXIII IntegraPoli 2014 vídeos, e procure os títulos que mais desejar, mas talvez neste texto tenha alguma dica de quem fez os melhores vídeos.

PROVAS

Trabalhos Hercúleos realizados e entregues, a "semana do Integra" iria começar apenas no dia 14 de março e, enquanto alguns dos trabalhadores de minerva já apresentavam alto sinal de cansaço, outros esbanjavam jovialidade, tanto que a prova de abertura foi a apresentação das cheerleader de cada C.A. Muito ensaio e disposição marcou a apresentação do CEC, que ganhou e já mostrava que, juntamente com a melhor torcida, vinha a esquadra responsável por

colocar mais uma estrela na bata.

A prova surpresa também não deixou por desejar, um looping mortal de moto onde um membro de cada C.A tinha que dar 3 voltas, e depois de toda a tontura ainda colocar uma linha num alfinete de costura (ou algo assim).

Pelo menos 50 pessoas fantasiadas pela escola, um belo de um começo. É assim que a real semana de provas da Escola Politécnica começa, teatros realizados por todo o C.A, cabo de guerra, maratoma, halterocopismo resistência e velocidade entre outros.

Citarei agora os fatos memoráveis que valem a pena ser imortalizados pelas palavras deste redator.

Halterocopismo veterano, uma prova onde os competidores tem 2 minutos para beber uma cerveja de 360 ml, em seguida devem abrir outra cerveja e bebê-la, sem gorficar, até o limite de sua resistência. Ganha quem aguentar mais. Dizia a Lelenda, quer dizer, a lenda, que o recorde desta prova havia sido estabelecido e não estava mais disponível para ser batido. De fato, o recorde anterior era de 17 cervejas, uma marca que parece histórica pelo número imponente.

Continua na página 8



Porém, os fatos que ocorreram naquele dia, naquela sexta feira, mudaram a história da Poli para sempre, Lelê, como era chamado antigamente, competidor do CAM, Centro Acadêmico da Mecânica e Mecatrônica, que cursa Engenharia de Produção (que ironia), foi o destinado a provar que o esforço coletivo e a vontade de vitória superam quaisquer limites.

Lelenda, como o chamamos a partir daquela data, bateu o incrível recorde de 19 latas de cervejas, sagrando-se assim o maior ganhador da prova desde 1982 quando a competição foi criada.

Outro fato que foi aplaudido de pé, foi que todos os C.A's participaram muito ativamente do IntegraPoli deste ano, fazendo itens e vídeos da lista e vindo em todas as competições.

A própria Poli ajudou neste fato, como os bixos estão entrando diretamente em suas áreas de atuação na engenharia, eles já estão pré-dispostos a participar do Integra por suas futuras amizades e relacionamentos dentro do curso. Antigamente, quando os calouros ingressavam em outras áreas, o distanciamento do C.A era algo natural, pois o aluno só teria contato com matérias específicas de seu curso no terceiro ano. Pelo menos neste aspecto a nova distribuição dos calouros ajudou os C.A's a tornar a já gigante gincana chamada "IntegraPoli" em algo mais grandioso ainda.

O CAÇA

Não poderíamos deixar de fora os comentários a respeito do caça ao tesouro, uma competição onde os melhores testam suas habilidades, C.A contra C.A em uma disputa de habilidade, inteligência e resistência. Quatro dias sem pausa pela USP a procura de pistas e suas respectivas respostas, enigmas criados e resolvidos, um quebra cabeça épico sobre como pensar abstratamente ou sobre como descodificar uma resposta.

Este ano o caça não teve um tema até chegar na sua reta final, com pistas bem boladas e bem precisas, o caça correu tranquilamente com todos os C.A's participando até o final de semana. A partir de segunda feira começaram os cortes, e na terça feira a noite

restavam apenas três C.A's competindo, era o momento da pista final.

A pista final deste ano foi ambientada num assassinato, supostamente nós, os C.A's, teríamos que investigar um assassino chamado "Happy face Killer" que escreveu cartas nos contando seu paradeiro. Infelizmente o CAM, o C.A deste que vos escreve, não conseguiu atingir o tesouro, e ficou preso na pista final tempo o suficiente para que o CMR encontrasse o tesouro antes. Parabéns ao CMR por este tesouro do IntegraPOLI, parabéns também ao CAM e ao CEE que chegaram na pista final novamente este ano.

Obs: O tesouro do IntegraPOLI foi bebido em sua plenitude!

ENCERRAMENTO

O espaço é curto neste Jornal e gostaria de poder descrever todos os demais eventos que ocorreram, porém talvez minha memória não seja a das mais confiáveis devido a falta de sono e excesso de álcool. Assim, a entrega da lista de objetos e as demais provas que ocorreram passaram despercebidas. Mesmo assim, foi numa regularidade absurda que o CEC conquistou o IntegraPoli, apesar de um julgamento errado do teatro (não é a minha opinião, é a verdade), que os colocou em primeiro, na frente do CAEP (que claramente fez um trabalho muito superior ao deles), o CEC se destacou em diversas provas, mantendo a regularidade e nunca sendo desclassificado ou ficando numa posição inferior. Mostrou assim, como o CAEP em seus outros anos vitoriosos, que é a competência de todos, um trabalho em grupo e a união que vencem o IntegraPoli. E no caso deles, um pouco de sorte...

Parabênizo novamente o CEC e sua gestão, seus membros e ex-membros, professores e funcionários que participaram dos itens da lista e a Comissão Organizadora do IntegraPOLI pela total imparcialidade em seu julgamento durante toda a competição.

No mais, aos que não participaram este ano, venham participar ano que vem, estarei vos esperando.

*Felipe Marins – Muitos anos de Poli
Poucos de C.O...*

Politizados Santos

O ano letivo dos politécnicos começou mais cedo esse ano e o Grêmio Politécnico retomou as atividades do Politizados, uma iniciativa que busca trazer ao ambiente da universidade temas e discussões de interesse não só profissional, como também de acontecimentos de relevância nacional, como o caso do primeiro evento do ano na Poli-Santos, que trouxe o membro da equipe da subsecretaria de Petróleo e Gás do Estado de São Paulo, Ricardo Fuji, para uma conversa sobre as perspectivas da profissão de um Engenheiro de Petróleo.

Para você que anda desinformado, a Engenharia de Petróleo é oferecida em uma unidade da Escola Politécnica em Santos, uma vez que a Bacia de Santos é um grande desafio geológico e no que se refere ao desenvolvimentos de novas técnicas de exploração em campos profundos, como o Pré-Sal. Apesar de muitas discussões sobre a transferência do curso para a unidade de Santos, acredita-se que os alunos da nossa escola serão essenciais para suprir a futura demanda de profissionais da área e para impulsionar a pesquisa e desenvolvimento de soluções inovadoras e tecnológicas.

Segundo o palestrante Ricardo Fuji, a cadeia de petróleo é uma das mais dinâmicas da nossa economia, principalmente devido ao desenvolvimento constante de novas técnicas de exploração. Segundo dados fornecidos na palestra, a indústria petrolífera brasileira é responsável por 11% do PIB do Brasil, sendo que investimentos crescentes da Petrobras e outras operadoras, por conta da descoberta e exploração do Pré-Sal na Bacia de Santos, colaboram para essa parcela. A área da Engenharia de Petróleo foi colocada como uma carreira em ascensão, principalmente nos

Você sabia?

- A produção do Estado de São Paulo é de 84 mil barris/dia, 4% da produção nacional;

- O nosso estado representa 27,1% do consumo nacional de derivados de petróleo;

- o Estado de São Paulo produz 1,4 vezes mais derivados de petróleo do que consome;

- A produção nacional do pré-sal foi 305,4 mil barris/dia de petróleo;

- O Estado de São Paulo foi o 3º maior produtor de petróleo e gás no último semestre de 2013.

próximos dez anos, período no qual serão necessários profissionais extremamente qualificados para trabalhar na exploração do recurso.

Apesar da exploração do Pré-Sal ser um tópico de discussão essencial para o crescimento nacional, o assunto ainda é pouco discutido no ambiente acadêmico, que formará os futuros profissionais e cidadãos que viverão a principal época do Pré-Sal. Atualmente, a produção de petróleo do Estado de São Paulo representa a 4% da produção nacional e, um barril, produz cerca de 84 mil a cada dia. Outro dado interessante é o consumo de derivados de petróleo no nosso estado, sendo 120,8 mil m³ por dia, ou seja, 27,1% do consumo nacional. A palestra foi extremamente esclarecedora, uma vez que contextualizou a importância de São Paulo no cenário petrolífero e inseriu as perspectivas de trabalho de um Engenheiro de Petróleo.

*Marjorie Samaha
Engenharia Civil - 4º Ano*

Mistério: O sumiço do avião da Malásia

Em 8 de março (de 2014 (eu acho)), um avião da Malaysia Airlines, com várias pessoas dentro, desapareceu enquanto voava no meio do mar (não DENTRO do mar, em cima, só que no meio). O que teria acontecido? Como um objeto de mais de 60 metros de comprimento pode sumir no meio do oceano, que tem só alguns milhões de metros quadrados? Como uma façanha da engenharia moderna, uma obra-prima tecnológica fabricada em série pela Boeing, que tem mais de cem anos de experiência em aviação, pode sucumbir às forças da natureza e seus acasos, que só existem há alguns bilhões de anos? E para tentar esclarecer esse mistério intrigante é que "O Politécnico" traz essa matéria exclusiva. Erro humano, abdução alienígena? Acerto humano, erro alienígena? É o que você descobrirá.

Quem estava?

Pelo que se sabe, o avião estava em condições técnicas boas, o motorista tinha diversas horas de voo e a empresa não tinha muitos acidentes no histórico, o que reforça a teoria de que o que aconteceu foi abdução alienígena. Sobre os passageiros, sabe-se que a maioria era de chineses e malaios, havia também alguns europeus, que provavelmente estavam lá fazendo turismo sexual (como fazem em todos lugares esses putos).

Para onde iam?

O voo tinha como destino Pequim, muitos passageiros tinham família lá, mas acredita-se que grande parte deles estava em caravana indo para uma missa, que ia ser celebrada pelo padre dos balões.

Onde estão?

Esse é o grande mistério, a hipótese mais cogitada até agora é a de abdução extraterrestre, que afirma que os E.T.s confundiram o avião com uma vaca, mas isto é apenas uma hipótese. Na Universidade de São Paulo, muitos grupos de investigação sobre o caso já foram formados: Uma equipe de pesquisadores do Instituto de Psicologia acredita que o co-piloto era louco, que o motorista tinha uma crise de não-aceitação da imersão de seu ego na

psique inconsciente, que o cobrador tinha problemas mentais e que os passageiros não tinham habilitação para dirigir embriagado, e foi por isso que sumiu o avião. No IME, as pesquisas tendem a duas linhas: a dos quatristas: que acreditam que o avião entrou no R4, e que poderá ser visto na P3 de gelatin por quem estiver usando drogas óculos 4D; e a dos doisistas: que acham que na verdade o avião entrou no R2, pois ficou tão amassado que virou um plano. Já os estudos feitos pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas apontam que o sumiço foi causado pelas potências capitalistas que tentam desestabilizar o governo esquerdista malaio para induzir um golpe baseado nas políticas pseudo-libertárias dos grandes holdings internacionais.

Enfim, ninguém sabe ao certo o que aconteceu, e é por isso que o jornal "O Politécnico" conseguiu uma entrevista exclusiva com um dos passageiros do voo para tentar elucidar os fatos:

Passei no vestibular

Todo mundo já passou por aquela dúvida cruel que atormenta durante anos: o que eu quero ser quando crescer? Certo, essa dúvida só ocorre na infância e adolescência, depois se torna um problema real: Qual curso eu me identifico mais? O que eu vou fazer pelo resto da minha vida para garantir o meu sustento? Dinheiro e felicidade, como conciliar? Essas perguntas fazem parte da primeira etapa do processo de virar um profissional.

A segunda etapa também é bem difícil, escolher o instituto de ensino superior para iniciar seu curso. Obviamente não basta escolher, é preciso passar por aquele processo desatualizado e sem sentido que usamos desde o início do século passado, o vestibular. Como nem todos são privilegiados, vamos supor que você é um ser de rara inteligência (i.e. "estudei num colégio tradicional") e passou direito do terceiro nas suas opções, apenas para poder ilustrar e exemplificar melhor esse texto. En-



Brinks, conseguiu não ☺

OBS.: Esse texto teve caráter unicamente humorístico e não tinha a intenção de magoar ninguém, se alguém se sentiu

ofendido por algo escrito aqui, tenham as sinceras desculpas de alguém que só estava tentando fazer as pessoas rirem.

Aluno Zuero
Engenharia de embalagens - 12º ano

za dará Unicamp como resposta. Aqui os veteranos não são cools, não tentam integrar os bixos através de festas, recepções e competições um tanto quanto diferentes. Aqui não tem paternalismo por parte dos veteranos (muito menos por parte dos professores). Você jamais vai conseguir um bom caderno pra xerocar, um amigo inteligente pra te ensinar umas integrais ou mexer na hp, uma casa perto pra dormir depois de uma festa, caso você more longe. Na poli você jamais irá formar amizades para a vida inteira. Esqueça aquele amigo que sofreu anos contigo e agora irá te indicar na empresa ou quem sabe virar seu sócio, isso não existe.

Bom, como bixo é burro (e muito veterano também, obviamente) vou deixar claro que fui irônico no parágrafo anterior. E que a seleção natural se encarrega de criar veteranos cool. Bixo sem potencial pede pra sair antes da matrícula e deixa veterano muito feliz

Diego Andriolo
Engenharia de Minas - 4º ano
Correspondente da Hungria

BLUE JASMINE



Não consigo achar uma palavra que o caracterize precisamente, mas posso dizer que é um filme atípico de Woody Allen. Acho que esse ponto é unânime. Ao contrário do que vemos costumeiramente nas obras do diretor, o destaque não vai para um roteiro extraordinário, tampouco para a trama, que, sim, foi interessante, mas um tanto clichê.

A grande responsável pela beleza do filme é realmente a fantástica atuação de Cate Blanchett – merecidíssima do Oscar, por sinal - como uma mulher que se recusa a aceitar sua nova condição: pobre, sem marido e desnorteada. Bem como em “A Rosa Púrpura do Cairo”, Allen coloca em conflito o real e o ideal na imagem de mulheres confusas e indecisas. Mas dessa vez, o drama é bem mais intenso por que Jasmine (Cate Blanchett) tem um constante ar de desprezo por um ambiente que lhe é necessário, passando uma simpatia tão vazia quanto complexa. Ela não consegue digerir a ideia de morar com sua

irmã Ginger, que vive de forma simples numa São Francisco nada luxuosa, e abandonar sua antiga vida de dondoca nova-iorquina. Ao invés disso, permanece em seu antigo universo perfeito e idealizado; e alcança o humor ‘woodyano’ com seus monólogos neuróticos e atacados que fazem um link super interessante entre as cenas intercaladas da vida passada com a atual. Esses ataques também expõem um psicológico frágil e dependente de uma socialite que sempre viveu às custas do marido.

No mais, a trilha sonora é linda (com um Jazz no início combinando com o título – muito bem pensado, aliás, tendo em vista a melancolia que transborda na nova Jasmine –) e dá um charme extra ao filme. O modo como a história se desenvolve também me agradou; os flash backs fazem com que o drama seja intenso, mas não pesado e contribuem para a fluidez do filme. Talvez Blue Jasmine não esteja entre os melhores filmes de Woody Allen, mas certamente vale a ida ao cinema.

**Na Poli ou na balada
#NÃOMEREÇOSERESTUPRADA**

“Moça, já te disseram o quanto você é linda, hoje?”

Oceanografia existe e fica em frente ao IME

**Há corda Brasil HUE HUE HUE HUE
HUE BR BR BR BR**



G4 - A Festa



23 de Maio